

OS SISTEMAS SEMIÓTICOS NA ESCRITA DOS EPITÁFIOS: MEMÓRIA E IDENTIDADE

Fabíola de Jesus Soares SANTANA¹ (UFPE)

Introdução

Este artigo apresenta uma reflexão preliminar sobre os sistemas semióticos que constituem a escrita do gênero epitáfio em lápides do século XIX, em igrejas de São Luís e Alcântara, no Estado Maranhão. O objetivo principal é revelar quais os sistemas semióticos utilizados na elaboração desse gênero, verificando-se qual a variação desses sistemas; e como essa variação se constitui como uma forma de representação/identidade social.

Na Antigüidade Clássica, quando Platão narra em *Fedro* (2001) o mito da criação da escrita, apresenta-lhe apenas como um simulacro vulgar daquilo que considera mais expressivo e eloqüente: o discurso oral. O filósofo grego acreditava que a invenção da escrita causaria a morte da arte da dialética. Além disso, ratifica a idéia de Tamuz, deus egípcio, para quem as letras não tinham valor, pois serviam também de ameaça para a memória. Pelas palavras de Sócrates, no diálogo com Fedro, a escrita dá ao discurso um tom de fantasia que não tem credibilidade, pois é incapaz de revelar ou representar a verdade. Pode dizer que não era atribuído nenhum valor retórico ao sistema de escrita alfabética na visão de Platão. Na perspectiva platônica, a escrita é uma forma limitada de representar o que é dito, pois não dispõe de quem diz, da força ilocucionária de quem diz, de todos os recursos paralingüísticos também utilizados na construção da persuasão..

Essa visão em relação à desvalorização retórica da escrita alfabética e de qualquer outro sistema semiótico que se associe a ela para a produção de um texto sofre grandes alterações ao longo do tempo. O abandono da *scriptio continua* no século VI, a criação dos sinais de pontuação, assim como todos os outros procedimentos estabelecidos pelos escribas até o século IX para garantir uma maior legibilidade dos textos (separação gráfica das palavras e o uso de maiúsculas no início de oração), o desenvolvimento e o aperfeiçoamento das técnicas tipográficas, o surgimento de novos suportes de escrita, e, principalmente, a crescente preocupação dos usuários dessa habilidade “por encontrar nas grafias uma representação estável dos sentidos” (Blanche-Benveniste: 2004, p. 17), são uns dos muitos fatos que transformaram a concepção e a função de escrita.

Hodiernamente passou-se a ver a escrita como uma forma simbólica que representa situações sociais. Na produção de gêneros escritos uma série de convenções visuais é adotada como uma forma de identificação de um gênero de texto, da mesma forma que servem de elementos retóricos.

No caso dos epitáfios, verifica-se que, em sua escrita, há utilização de variados sistemas gráficos que se integram semioticamente para representar uma prática

¹ A autora é doutoranda do Programa de Doutorado em Lingüística, desenvolvendo tese sob a orientação da Profa. Dra. Judith Hoffnagel, no contexto do Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e Escrita (NELFE) – UFPE.

sociocultural ligada à ritualística fúnebre. Nesta investigação, o que se torna relevante é: quais são esses sistemas e como eles se associam para construir representações de identidades e tipificações de situações sociais; quais são as instituições que realizam essa escrita; como elas representam seus atores sociais por essa modalidade e pelos demais sistemas semióticos ao tentar fixar, no tempo e no espaço, uma imagem (entendida aqui como representação de caráter simbólico, sígnico) talhada e inscrita no mármore.

A justificativa para a escolha das lápides do século XIX deu-se tendo em vista que, nesse século, segundo Ariés (2003: 84), houve o fortalecimento da doutrina capitalista que resultou em uma mudança na visão da morte e dos mortos. As idéias capitalistas interferiram, sobretudo, na visão de mundo da sociedade oitocentista. Cresce, no espírito do homem dessa época, o individualismo. Ocorre ainda a valorização do pensamento racional, a laicização das relações sociais e a secularização da vida cotidiana, contrária à visão que perdurou da Idade Média até o século XVIII em que se buscava uma aproximação com os mortos. Essa mudança, na visão de mundo da sociedade oitocentista, se refletirá também nos gêneros do discurso utilizados para representação das práticas sociais ligadas a ritualística fúnebre como os epitáfios, assim como marca o surgimento de outros gêneros desse sistema: notas de falecimento, santinhos e necrologias.

As igrejas escolhidas para a coleta dos dados foram: Igreja Nossa Senhora do Carmo (cidade de Alcântara), Igreja Nossa Senhora da Vitória (Palácio Episcopal de São Luís) e Igreja de Santo Antônio. Trata-se de uma amostra parcial do *corpus* de minha tese de Doutorado sobre epitáfios encontrados em lápides tumulares de três cidades maranhenses: São Luís, Viana e Alcântara.

Para a análise do *corpus* serão utilizados pressupostos teóricos da Semiótica Social.

1. A produção de gêneros do discurso ligados as práticas fúnebres: breve contextualização sócio-histórica

O historiador João José dos Reis (1997, p. 96) relata que, no século XIX, as práticas sociais relacionadas à morte e aos mortos adquirem novas formas e novos sentidos. Em *O cotidiano da morte oitocentista*, diz que:

questões como as concepções sobre o mundo dos mortos e dos espíritos, os ritos que a precediam e sucediam, o local e formato da sepultura, o destino da alma, a relação entre vivos e mortos eram temáticas sobre as quais muito se pensava, falava, escrevia e em tornos das quais eram criados símbolos.

Esses fatores sócio-históricos influenciarão significativamente na percepção e na representação de mundo da sociedade da época. A partir dessa nova visão em relação à morte e aos mortos, os atores sociais que integram a sociedade oitocentista produzirão um conjunto de textos ligados aos rituais póstumos. Além de epitáfios (gênero dos mais antigos ligados a essa prática social), surgem outros como os santinhos, as notas de falecimentos e as necrologias, publicadas em jornais que constituem um sistema de

gêneros ligados a representação póstuma de um integrante de um determinado grupo social.

Os epitáfios, assim como todos os outros gêneros ligados a essa prática social *post mortem*, encarnam as propriedades associadas ao comportamento da elite oitocentista. São memórias documentais da sociedade maranhense do século XIX que, não registram apenas uma prática social secular e comum a tantas outras sociedades, mas também legitimam uma identidade social, consolidando-a no mármore das pedras tumulares.

No Maranhão, com o enriquecimento da capital São Luís e o surgimento de uma elite, o uso de epitáfios em lápides tumulares encontradas em túmulos e carneiros das igrejas no período oitocentista demonstra que, a partir dessa época, esse tipo de texto deixa de ser de domínio apenas das classes eclesiásticas e passa a ser utilizado por outras classes sociais. Se até o século XVIII, só há vestígios de lápides, conseqüentemente de epitáfios, de religiosos do alto comando da Igreja, com as transformações socioeconômicas ocorridas a partir do século XIX, verifica-se que esse tipo de prática social ligada a uma representação póstuma, expande-se para outros seguimentos da sociedade. Por outro lado, constata-se que o uso desse gênero continua restrito às classes com certa ascendência e prestígio social no século XIX. A grande mudança ocorrida, a partir da segunda década do século XIX, está veicula ao uso desse tipo de prática social por outros atores sociais que não sejam apenas dos seguimentos eclesiásticos.

2. A perspectiva semiótico-discursiva

Na perspectiva discursivo-semiótica de Gunther Kress et al. (1997: 270), a *linguagem sozinha não é mais suficiente como foco de atenção para aqueles interessados na construção e reconstrução social do significado*. Considera-se, nesse tipo de análise de gênero (concebido como um recurso representacional), a articulação da linguagem com outros sistemas semióticos como forma de ancoragem para a representação de práticas sociais em uma situação particular. Kress e van Leeuwen (2006: 13) argumentam que

[...] a comunicação requer que os participantes façam suas mensagens maximamente compreensíveis em um contexto particular. Por isso eles escolhem formas de expressão as quais acreditam ser maximamente transparentes para outros participantes.² (Trad. nossa)

Quanto às escolhas dos signos utilizados nas representações de quadros sociais em um dado contexto, os autores (2006: 13) destacam ainda:

[...] O interesse dos produtores de signos, no momento em que eles produzem o signo, leva-os a escolher um aspecto ou um conjunto

² [...] *the communication requires that participants make their messages maximally understandable in a particular context. They therefore choose forms of expression which they believe to be maximally transparent to other participants.*

de aspectos do objeto a ser representado como sendo critérios, naquele momento, para representar o que eles desejam representar, e, então, escolhem a forma mais apta e mais plausível para sua representação. Isto se aplica também ao interesse das instituições sociais nas quais as mensagens são produzidas, e lá ele toma a forma (de histórias) das convenções e das restrições.³ (Trad. nossa)

Nos epitáfios, observa-se que o produtor do texto faz uso de mais de uma forma de representação para significar os papéis sociais ali inscritos. Nessa prática social, ligada a ritualística fúnebre, os sistemas semióticos que a compõe se associam para mobilizar os sentidos do texto.

Na análise de gênero, a abordagem sociosemiótica focaliza o texto nas interações sociais, observando o que as pessoas fazem para construir a significação do texto, quais os mecanismos e como os recursos semióticos de representação são utilizados nos processos comunicativos interacionais.

Em *Reading images: the grammar of visual design*, Kress & van Leeuwen (2006) ratificam o caráter semiótico da escrita quando a consideram como uma forma de representação ou comunicação visual que possui uma gramática própria em que estruturas visuais e lingüísticas se integram para a produção de significados sociais. Nesse sentido, a escrita é considerada como um signo imagético orientado socialmente, isto é, um sistema semiótico governado e motivado pelas relações de poder.

Por ser exatamente um instrumento de representação dos discursos sociais, verifica-se na escrita dos epitáfios um caráter de heterogeneidade em que elementos gráficos, imagéticos e textuais se unem na construção de um evento comunicativo. Essa escrita heterogênea, presente nos epitáfios representa a visão de mundo de um dado grupo social em um marco espaciotemporal específico e objetiva fixar no tempo e no espaço uma representação das identidades sociais da elite maranhense do século XIX, servindo ainda de memória documental. Desse modo, é relevante verificar de que forma são mobilizados os sistemas semióticos da escrita, em um contexto particular, e como eles servem para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder.

3. Os sistemas semióticos na escrita dos epitáfios: memória e identidade

3.1 O caráter dimensional e o suporte de escrita

Em relação ao formato, as lápides apresentam um traço tradicional deste gênero, cuja origem remete às primeiras surgidas no Egito Antigo. A convenção já estabelecida nessa tradição: retangular com as bordas superiores ligeiramente ovaladas (vê exemplo

³ [...] *The interest of sign-makers, at the moment of making the sign, leads them to choose an aspects or bundle of aspects of the object to be represented as being criterial, at that moment, for representing what they want to represent, and then choose the most plausible, the most apt form for its representation. This applies also to the interest of the social institutions within which messages are produced, and there it takes the form of the (histories of) conventions and constraints.*

Lápide 01, encontrada em ossuário da Igreja de Santo Antônio – São Luís/MA) ou simplesmente retangular.



Láp. 01 – Manoel Joaquim Ferreira

No aspecto tamanho, verifica-se que quanto maior a lápide, maior a relevância do papel social ali representado. Nessa perspectiva, formato e tamanho indicam a identidade social do sujeito. Servem como um atributo simbólico, associado ao gênero, que identificam de quem se fala naquele co(n)texto. Nas igrejas selecionadas para esta pesquisa, as lápides maiores são de pessoas que estão sepultadas no altar. A localização das lápides dentro das igrejas também orienta a construção dos sentidos do texto.



Láp. 02 (D. Marcos Antonio de Souza)

Nesta abordagem, deve-se também considerar a importância do suporte utilizado na escrita dos epitáfios: as pedras de mármore, de lioz e de cantaria, tipos mais frequentes das lápides encontradas nas igrejas de São Luís-MA. Além da garantia de um conhecimento da sua durabilidade ao longo do tempo, a variação quanto ao uso de cada uma também se relaciona com a posição social do ator social representado na lápide. A cantaria, por exemplo, é um tipo muito utilizado nas lápides dos representantes da Igreja

do alto escalão do Estado, algumas ricamente adornadas, como se vê na lápide de D. Marcos Antonio de Souza⁴, que se encontra no chão do altar do Palácio Episcopal, em São Luís-MA.

3.2 As imagens

Nos epitáfios oitocentistas há três tipos de imagens que se associam às seguintes representações: morte (anjos, caveiras, cruzes, cálice eucarístico); emoção ou sentimento de quem fez o epitáfio (mão dadas) e identidade social (barcos, âncoras, borlas, brasões). Jewitt & Oyama (2003, p. 143) postulam que as imagens *definem o significado ou a identidade de um participante*⁵. As imagens visualmente definem ou analisam ou classificam pessoas, lugares e coisas. As autoras reforçam ainda que o significado representacional de uma imagem está convencionalmente associado a valores simbólicos.

Na Láp. 03, a figura de um navio, ao centro, remete imediatamente à identidade do referente principal do discurso epidítico, que é a pessoa de quem se fala no epitáfio, o marinheiro Joaquim Peixoto da Costa Santos. Todo o conjunto de imagens (navio, guincho, âncora) que compõe esse epitáfio define não somente a condição da pessoa de quem se fala, mas associam-se semanticamente ao que está representado lingüisticamente no discurso.



Lápide 03 (Joaquim Peixoto da Costa Santos)

3.3 A distribuição visual da escrita e o aspecto tipográfico

A respeito da heterogeneidade do caráter semiótico das representações dos discursos sociais, o semioticista Véron (apud Corrêa, 2004: 5) diz:

Os discursos sociais são objetos semioticamente heterogêneos ou “mixtos”, nos quais intervêm, ao mesmo tempo, várias matérias

⁴ Todas as lápides foram fotografadas por mim com autorização da administração das igrejas.

⁵ [...] *define the meaning or identity of a participant.*

significantes e vários códigos. O próprio discurso linguístico não é nunca monocórdico: quer se trate da escrita ou do discurso falado, há sempre regras paralingüísticas que não podem ser apenas ao código da “língua”.

Quanto à distribuição visual do texto na lápide, as inscrições apresentam uma certa regularidade em relação às principais informações que ocupam o lugar central nas pedras. Na Láp. 03, vê-se que a imagem está ao centro e relaciona-se com todas as outras que estão nas extremidades. Além disso, remete ao papel social representado pelo morto, situando-lhe em um contexto específico.

Sobre o significado da posição de centralidade das imagens (escrita alfabética ou figuras), Jewitt & Oyama (2003, p. 148) enfatizam que:

*Centralidade [...] significa o que ela significa: o que está localizado no centro é visto como o que envolve os elementos ‘marginais’ conjuntamente. Os elementos marginais são, então, em algum sentido, os elementos que são abraçados pelo centro – pertencente a ele, subserviente a ele, e assim por diante, dependente do contexto.*⁶ (Trad. Nossa)

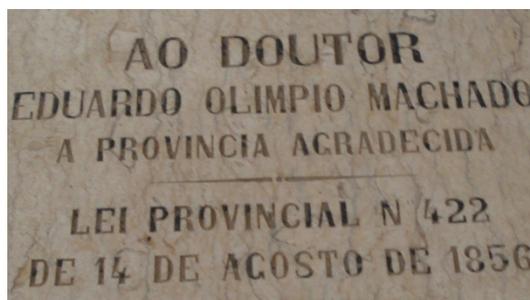
Ao centro encontra-se também outra informação bastante relevante no processo de construção da representação: a autoria do epitáfio. Na láp. 03, lê-se: *Sua dedicada esposa em sinal de amizade (sic) e gratidão mandou-lhe erigir esta lapida.* Os sentimentos femininos registrados na lápide do século XIX, *amizade e gratidão*, refletem a mentalidade da mulher oitocentista em relação ao casamento.

Quanto ao aspecto tipográfico, há uma diversidade de uso de fontes tipográficas e de outros recursos como fios, orlas, borlas, bigodes com o objetivo de destacar conteúdos relevantes do texto, geralmente a função social e ou feitos mais importantes de quem está sendo representado. O alinhamento dos textos, na maioria dos epitáfios, é centralizado. Quanto ao espaçamento das entrelinhas, há sempre uma medida mínima que garante uma boa condição de leitura dos textos.

No epitáfio do Dr. Eduardo Olímpio Machado (Láp. 04), em lápide encontrada na Capela da Boa Morte, Igreja Nossa Senhora da Vitória-Palácio Episcopal, identificam-se elementos que estão relacionados à importância do seu papel social na composição do texto inscrito na pedra. Todas as palavras do texto estão em caixa alta, entretanto, uma se sobressai por seu tamanho em relação às outras e indicia a profissão do morto (DOUTOR). Esta lápide sofreu alterações no decorrer do tempo em relação às borlas utilizadas com a colocação de um novo desenho. Entretanto, conseguimos recuperar a informação sobre o desenho original da borla. Segundo Marques (1970:96), nessa lápide havia no alto, a buril, a borla de doutor, logo abaixo duas penas cruzadas e

⁶ *Centrality [...] means what it is: what is placed in the centre is thereby seen as what holds the ‘marginal’ elements together. The marginal elements are then in some sense the elements that are held together by the centre – belonging to it, subservient to it, and so on, depending on the context.*

presas por um anel. A borla de doutor foi um recurso semiótico usado na composição deste epitáfio que reforçou a função social, expressa pelo recurso lingüístico (*Doutor*).



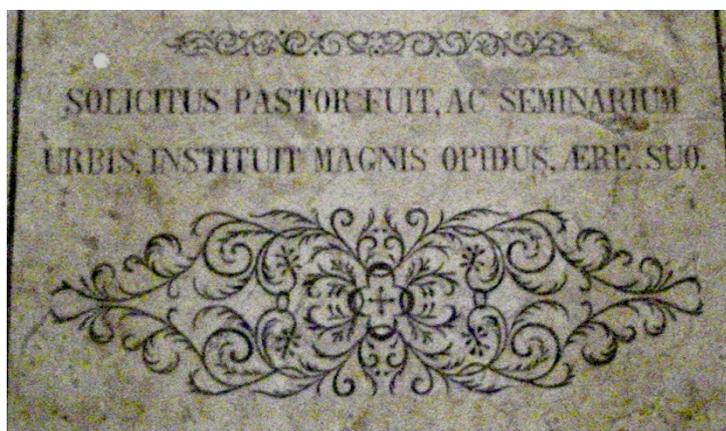
Lápide 04 (Doutor Eduardo Olímpio Machado)

Os epitáfios com maior variação tipográfica em seus textos, quanto aos tipos de fontes e adornos mais elaborados, são os dos membros da igreja, principalmente dos bispos, com constatamos no epitáfio de D. Marcos Antonio de Souza (Láp. 05).

Wysocki (2003: 126), em trabalho intitulado *The multiple media of texts*, destaca a importância da escolha dos tipos de fontes das letras como uma estratégia visual importante que pode assinalar as mudanças argumentativas, introduzindo um novo objeto do discurso.



Láp. 05 (D. Marcos Antonio de Souza)



Láp. 05 (D. Marcos Antonio de Souza)

Se analisarmos o trecho da Láp. 05, identificamos por meio da variação tipográfica as funções sociais mais relevantes do ator social representado no epitáfio: *XIII Bispo do Maranhão, Commnedador da ordem de Christo, Dignatário da Rosa, Deputado às cortes de Lisboa, Sagrado bispo*. Há ainda, na parte inferior da lápide, bigodes ricamente adornados separando a inscrição em latim do texto em português.

3.4 O recurso lingüístico

Os epitáfios são fontes escritas que comprovam os diversos aspectos da variação do português brasileiro, assim como revelam as mudanças sofridas por essa língua ao longo do tempo em contexto de uso bastante específico, servindo de memória social e lingüística de uma comunidade. Além de atestar a mudança no tempo, revela a variação lingüística de quem escreveu o epitáfio. Os aspectos que mais figuram nos textos são: adjetivação, detalhamento descritivo, ortografia, uso de expressões latinas ou textos na íntegra escritos em latim (ligada ao discurso da Igreja católica, apostólica romana).

Em uma perspectiva diacrônica, na Lápide 01, as palavras *umbraes*, *somno* e *falleceo* apresentam alterações se comparadas a suas formas atuais. As palavras terminadas em **-I**, no século XIX, formam o plural acrescentando-se a desinência **-es**, conservando nessa fase uma certa proximidade com sua origem etimológica. Verificamos a presença de consoante geminada na palavra *falleceo*, que desapareceu ao longo do tempo pela falta de valor fonético, assim como a desinência da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito em **-o**. Além disso, o estilo literário desse epitáfio revela-nos o nível cultural de quem o produziu, uma vez que essa característica poética dos epitáfios não era mais freqüente no século XIX, o que demonstra a erudição de quem o fez.

*Calkida e pálida morte
Em macha ufana
Ao régio paço
E a pastoril choupana.*

*Tranpôs os umbraes da eternidade,
E já dorme da morte o interminável somno*

Outras características como a adjetivação e o detalhamento descritivo da narrativa epidítica decorrem do aspecto funcional do gênero, a louvação do morto, mas também representam a condição social de quem está representado no texto: *Maria e Rosa innocentes filhinas de Mariano M. Lisboa e D. Maria T. Lisboa[...]*⁷; *A memória de Antonio Bernardo de Sá Andrade Bom marido Bom pai e Bom amigo [...]*⁸. No primeiro fragmento, a expressão *innocentes filhinas* remetem para a condição social de Maria e Rosa que morreram crianças. Dito de outra forma, a escolha de certas formas lingüísticas nunca é arbitrária, pois é sempre motivada no âmbito das relações de um grupo e em um momento social

⁷ Epitáfio inscrito em lápide encontrada na sacristia da Igreja de Santo Antônio – São Luís/MA.

⁸ Epitáfio inscrito em lápide encontrada na Igreja Nossa Senhora do Carmo – Alcântara/MA.

específico, ou seja, o homem utiliza a linguagem verbal, principalmente, para indicar o papel que ocupa na sociedade.

Considerações Finais

Na reflexão preliminar que se apresentou neste artigo, identificaram-se os principais sistemas semióticos na escrita dos epitáfios e como tais elementos podem representar e reforçar papéis sociais em um dado contexto sócio-histórico.

Em uma análise geral, verificou-se que o gênero epitáfio, como se observou nos exemplos apresentados, serve de memória documental que perpetua, no tempo e no espaço, uma representação simbólica de um ator social pertencente a uma dada época. Faz parte de um sistema de gêneros que também atesta as relações de poder impostas por qualquer sociedade em situações específicas do cotidiano. O caráter laudatório da maioria dos epitáfios reforça as características discursivas e identitárias das classes de prestígio social no período oitocentista, por meio de um gênero ligado ao discurso fúnebre, que revela crenças, valores e sentimentos em uma situação social específica. Assim, gêneros como os epitáfios, que apontam para uma cena cujo tempo é pretérito, podem ser também fenômenos simbólicos e ideológicos que servem, em circunstâncias sócio-históricas específicas, para estabelecer e sustentar relações de dominação. Para isso, mobilizam um conjunto de variado de sistemas semióticos a fim construir os sentidos do texto.

Referências

- ARIÉS, P. (1998). **A história das mentalidades**. In: Le Goff, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes.
- BLANCHE-BENVENISTE, C. (2004). **A escrita, irredutível a um código**. In: FERREIRO, E. (org.). **Relações de (in)dependência entre oralidade e escrita**. Porto Alegre: Artmed. pp. 13-45.
- JEWIT, C.; OYAMA, R. (2003). **Visual meanings: a social semiotic approach**. In: VAN Leeuwen, Theo; Jewitt, Carey (2003) *Handbook of visual analysis*. London: Sage Publications
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. (2006). **Reading images: the grammar of visual design**. 2.ed. New York: Routledge.
- MARQUES, C. A. (1970). **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Ed. Fon-fon e Seleta.
- PLATÃO (2001). **Fedro**. São Paulo: Martin Claret. pp. 118-123.
- REIS, J. J. (1997). **O cotidiano da morte oitocentista**. In: Novais, Fernando A.; & Alencastro, Luiz Felipe de. *História da vida privada no Brasil*. v. 2.
- VÉRON, E. (2004). **A produção do sentido**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1980. In: CORRÊA, M. L. G. (2004). **O modo heterogêneo da escrita**. São Paulo: Martins Fontes.
- WYSOCKI, A. F. (2004). **The multiple media of texts: how onscreen and paper texts incorporate words, images, and others media**. In: BAZERMAN, C.; PRIOR, P. (ed.).

2004. **What writing does and how it does it:** an introduction to analyzing texts and textual practices. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 123-163.